ISSN: 2358-8829

LIVRO GIGANTE: REINVENTANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Jesus Jader Lima de Azevedo [1]
Tatiana Cristina Vasconcelos[2]

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo da educação, a busca por práticas pedagógicas que despertem o interesse, a participação e a curiosidade das crianças tem se tornado cada vez mais necessária, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, durante esse período, o contato com a leitura e com as histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da alfabetização, no entanto, diante das diversas formas de estímulos presentes no cotidiano infantil, torna-se um desafio para o professor desenvolver estratégias que mantenham a atenção das crianças e possibilitem uma participação mais significativa durante os momentos de contação de histórias.

A manutenção da atenção das crianças durante as atividades pedagógicas não está relacionada apenas a uma suposta dificuldade natural de permanecer concentrada por longos períodos, mas também às características e ao sentido que a atividade possui para elas. Nesse sentido, Lains e Rocha (2020, p. 27) afirmam que "para que a atenção se mantenha, é de extrema relevância o sentido que a atividade tem para a criança". Essa compreensão permite refletir sobre a importância de organizar práticas pedagógicas que despertem o interesse e possibilitem a participação das crianças.

Dentro deste contexto, segundo Abramovich (2009) a contação de histórias constitui-se como uma importante prática pedagógica, capaz de aproximar as crianças do universo literário de maneira lúdica e significativa. Para além da utilização convencional dos livros, a inserção de recursos diferenciados pode contribuir para tornar esse momento mais atrativo, despertando a curiosidade e favorecendo a interação das crianças com a narrativa.

Corazza (2012) propõe uma reflexão sobre como ideias já existentes podem ganhar outras possibilidades na educação, essa perspectiva nos permite compreender que a criação

[1] Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Jesus.azevedo@aluno.uepb.edu.br;
[2] Doutora em Educação (ProPEd/UERJ). Professora Associada (DE/CEDUC/UEPB). Coordenadora Pibid - UEPB. Docente do Mestrado em Educação Inclusiva (PROFEI). tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br;

ISSN: 2358-8829

docente também pode ocorrer quando o professor modifica a maneira de utilizar recursos e práticas que já fazem parte do cotidiano escolar.

Nesse sentido, o material intitulado como livro gigante, apresenta-se como uma das possibilidades de recursos pedagógicos, uma vez que suas dimensões ampliadas permitem uma melhor visualização das imagens e dos elementos presentes na história, favorecendo a participação coletiva da turma. Entretanto, além de contribuir para tornar a contação de histórias mais dinâmica, o livro gigante pode assumir uma perspectiva de acessibilidade, especialmente por possibilitar uma maior visualização dos textos, imagens e demais elementos apresentados, podendo favorecer a participação de crianças com baixa visão.

Dessa forma, a utilização de materiais ampliados pode representar uma estratégia para tornar as práticas de leitura mais inclusivas, considerando as diferentes necessidades presentes no ambiente escolar. Assim, o recurso não se limita a ampliar fisicamente o livro, mas pode ampliar também as possibilidades de interação, participação e acesso das crianças à experiência literária. Essa proposta se aproxima das ideias de Corazza (2012), ao valorizar a criação de práticas pedagógicas singulares, construídas a partir das necessidades da turma e da busca por outras possibilidades de ensinar e aprender.

Diante disso, este estudo teve como objetivo geral analisar a utilização do livro gigante artesanal como recurso pedagógico durante a contação de histórias em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, buscando compreender suas contribuições para a atenção, a curiosidade e o interesse das crianças pela leitura. Como objetivos específicos, buscamos refletir sobre a importância da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças; compreender de que maneira o uso de um livro em tamanho ampliado pode contribuir para o envolvimento da turma durante a narrativa; e discutir suas possibilidades como recurso pedagógico acessível, considerando especialmente a visualização por crianças com baixa visão.

Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a utilização de recursos pedagógicos diferenciados nas práticas de leitura, destacando o livro gigante como uma possibilidade simples e acessível de transformar a contação de histórias em uma experiência mais visual, participativa e significativa. Embora o livro seja tradicionalmente compreendido como um recurso destinado à leitura, sua ampliação e construção podem possibilitar novas formas de interação com a literatura, tornando a experiência mais atrativa para as crianças e ampliando as possibilidades de acesso e participação no cotidiano escolar.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e desenvolvida a partir de uma experiência de campo realizada em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. A escolha pela abordagem qualitativa ocorreu por possibilitar a compreensão das experiências vivenciadas no contexto escolar, considerando as manifestações, interações e comportamentos apresentados pelas crianças durante a prática de contação de histórias.

No âmbito do PIBID-Pedagogia/UEPB, trabalhamos com um desenho formativo dialógico organizado nos movimentos de Ambientação, Imersão e Inventação (Vasconcelos; Castro, 2025). Essa perspectiva ajuda a situar a produção do livro gigante não como uma atividade isolada, mas como possibilidade de criação pedagógica articulada à observação da escola, à experimentação didática e à reflexão sobre a docência.

A experiência foi desenvolvida a partir da elaboração e utilização de um livro gigante confeccionado manualmente pelo pesquisador, pensado como recurso pedagógico para a realização da contação de histórias. A produção do material envolveu a ampliação das páginas, dos textos e da releitura das ilustrações, buscando proporcionar maior visibilidade dos elementos da narrativa para as crianças. A utilização do recurso teve como propósito tornar o momento da leitura mais dinâmico e atrativo, favorecendo a atenção, a curiosidade e a participação das crianças durante a apresentação da história.

Durante a realização da atividade, o livro gigante foi apresentado coletivamente à turma, sendo utilizado como suporte para a contação da história, e ao longo da narrativa, foram realizadas intervenções e questionamentos relacionados aos acontecimentos, personagens e elementos presentes na história, possibilitando que as crianças participassem do momento por meio de falas, observações e manifestações de curiosidade.

Para a construção dos dados, foram utilizados registros reflexivos produzidos a partir das observações realizadas durante a experiência. Esses registros contemplaram aspectos relacionados à atenção das crianças, à curiosidade despertada pelo tamanho e pelas características do livro, à participação durante a contação e às interações estabelecidas entre as crianças, o professor e o recurso pedagógico. Também foram consideradas as diferentes formas de envolvimento apresentadas pela turma durante o desenvolvimento da atividade.

A interpretação dos registros foi organizada em torno de três aspectos observáveis: condições de visualização da narrativa, manifestações de interesse e participação nas

ISSN: 2358-8829

interações propostas. Por se tratar de uma experiência situada, sem mensuração sistemática da atenção ou comparação controlada entre recursos, as observações permitem discutir possibilidades pedagógicas, mas não estabelecer efeitos causais do tamanho do livro sobre a aprendizagem.

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E NOVAS POSSIBILIDADES DE ENSINO.

A escola e, principalmente, a sala de aula constituem espaços fundamentais para o desenvolvimento das crianças, sendo ambientes nos quais diferentes sujeitos convivem, aprendem e compartilham experiências. Entretanto, quando as práticas pedagógicas são desenvolvidas de maneira repetitiva, utilizando sempre os mesmos recursos e estratégias, o ambiente escolar pode tornar-se pouco atrativo para os estudantes (Krul; Alberti, 2022). Essa questão pode ser ainda mais significativa no 1º ano do ensino fundamental, etapa em que as crianças estão iniciando uma nova experiência escolar e apresentam grande necessidade de interação, movimento, ludicidade e estímulos que despertem sua curiosidade.

Nesse sentido, pensar sobre a organização das práticas pedagógicas significa refletir sobre as formas utilizadas pelo professor para despertar o interesse das crianças, pois a utilização constante de atividades semelhantes, materiais pouco atrativos e estratégias que não consideram as características da faixa etária pode contribuir para que a sala de aula seja percebida como um espaço monótono e pouco estimulante. Por outro lado, a inserção de diferentes recursos pode modificar essa dinâmica, possibilitando novas formas de participação e envolvimento com os conteúdos trabalhados. Baseado nas discussões de Pimentel (2017, p. 4), assumimos que

> Diferentes sujeitos, que apresentam variadas histórias de vida e interesses particulares, estão inseridos na realidade escolar. Se forem usados sempre os mesmos recursos didáticos não será possível despertar o interesse de todos. O ambiente da sala de aula não deve ser monótono e exaustivo. É preciso inovar as práticas educativas a fim de estimular os alunos para que se sintam motivados a aprender.

A reflexão apresentada pela autora evidencia que não existe uma única maneira de despertar o interesse de todos os estudantes, uma vez que as crianças possuem diferentes experiências, características e formas de aprender, dessa maneira, torna-se necessário que o

professor diversifique suas práticas e busque recursos capazes de aproximar os estudantes das experiências de aprendizagem.

No caso das crianças dessa faixa etária, essa diversificação pode assumir um papel ainda mais relevante, considerando que o processo de alfabetização e a aproximação com a leitura precisam ser acompanhados de experiências que despertem o interesse e a participação, e é nesse contexto que os recursos pedagógicos podem assumir uma função importante no cotidiano escolar, mais do que complementar uma atividade, determinados materiais podem contribuir para modificar a forma como as crianças percebem e vivenciam uma proposta. Um recurso visualmente diferenciado, por exemplo, pode despertar a curiosidade antes mesmo do início da atividade, levando a criança a observar, questionar e querer descobrir o que será apresentado.

Nessa perspectiva, para Leandro e Passos (2024), o professor também assume o papel de pesquisador de sua própria prática, uma vez que precisa observar, refletir e buscar conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento de seu trabalho. Ser professor, para Freire (1996), ser professor não significa apenas transmitir conteúdos ou aplicar atividades previamente estabelecidas, mas assumir uma postura de constante reflexão, pesquisa e construção do conhecimento, ou seja, também conhecer seus alunos, identificar suas necessidades e interesses e pesquisar diferentes possibilidades de recursos e estratégias que possam favorecer a aprendizagem. Assim, a escolha de um material didático não deve ocorrer de maneira aleatória, mas considerar o contexto da turma, a faixa etária das crianças, os objetivos da atividade e as diferentes formas pelas quais os estudantes podem se envolver com a proposta.

Nessa mesma direção, Pimentel (2017, p. 5) destaca a importância do professor enquanto pesquisador e produtor de materiais didáticos:

> O professor pode se tornar pesquisador e aprimorar suas habilidades para elaborar materiais didáticos. O desenvolvimento de objetos de aprendizagem requer estudos e reflexões que além de culminar com a produção de uma ferramenta de ensino também contribuem para o aprimoramento do profissional durante a formação continuada. Além de preparar os próprios materiais, os professores podem acessar materiais produzidos por outros professores, disponíveis na Internet.

A partir das considerações de Pimentel (2017), compreende-se que a elaboração de materiais didáticos também pode fazer parte do processo de pesquisa e reflexão do professor sobre sua prática. Ao estudar diferentes recursos e pensar em maneiras de adequá-los às

características de sua turma, o docente pode desenvolver materiais que estejam mais próximos dos interesses e das necessidades de seus alunos.

Além dessas questões, é necessário considerar as características específicas da turma na qual a pesquisa foi desenvolvida. Por se tratar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, é importante reconhecer que elas ainda estão desenvolvendo a capacidade de manter a atenção durante períodos prolongados, podendo se dispersar com maior facilidade quando uma atividade se estende ou apresenta pouca interação.

Segundo Vygotski (1996, p. 148, apud Rocha; Lains, 2020, p. 22):

> A atenção, no início da vida de cada sujeito, é um processo marcadamente orgânico, "de crescimento, maturação e desenvolvimento dos aparatos nervosos e das funções da criança". Essa gradativa maturação não se interrompe ao longo da infância e da vida adulta, mas é transformada e deslocada para segundo plano, pois o processo atencional, gradualmente, passa a ser dirigido por fatores sociais e culturais, que impõem novas tarefas para as quais a criança necessitará de regulação efetiva de seu comportamento e atenção.

Dessa forma, o trabalho com a literatura infantil precisa considerar não somente o conteúdo da história, mas também a maneira como ela será apresentada às crianças, buscando criar momentos de interação, observação, questionamentos e participação.

Nesse sentido, a utilização do livro gigante também possibilita que a narrativa seja adaptada de acordo com as características e necessidades da turma, pois quando a extensão do livro original se mostrar muito longa para o momento da contação, por exemplo, o professor pode realizar uma releitura da obra, selecionando os acontecimentos principais, reorganizando determinados trechos ou tornando a narrativa mais dinâmica e interativa, sem perder sua ideia central. Essa possibilidade permite que a história seja apresentada de maneira mais adequada ao tempo de atenção das crianças, possibilitando intervenções, perguntas e momentos de participação ao longo da contação.

Nesse contexto, a elaboração do material da pesquisa partiu da necessidade de apresentar a história de uma maneira mais visual e atrativa para as crianças considerando que o livro poderia ultrapassar sua função de suporte para a leitura e constituir-se também como parte da própria experiência pedagógica.

ISSN: 2358-8829

O LIVRO GIGANTE COMO POSSIBILIDADE DE ACESSIBILIDADE NA LITERATURA INFANTIL

A utilização de recursos ampliados no contexto escolar também pode ser discutida a partir da perspectiva da acessibilidade, especialmente quando se considera a participação de crianças com baixa visão ou deficiência visual nas práticas de leitura. No ambiente escolar, o acesso aos materiais utilizados nas atividades precisa considerar as diferentes formas pelas quais os estudantes podem perceber, acompanhar e interagir com os conteúdos apresentados. Nesse sentido, adaptar o tamanho dos textos, das imagens e de outros elementos presentes nos materiais pode constituir uma possibilidade de favorecer o acesso às informações por estudantes que apresentam dificuldades relacionadas à percepção visual.

No caso da literatura infantil, essa preocupação torna-se relevante, uma vez que o contato com o livro envolve não apenas a escuta da narrativa, mas também a observação das ilustrações, dos personagens, das cores, das expressões e da organização e dos movimentos das páginas. Para uma criança com baixa visão, por exemplo, um livro produzido em tamanho ampliado pode facilitar a identificação de elementos que, em um livro convencional, poderiam apresentar-se pequenos ou pouco perceptíveis, assim tendo melhores condições de acompanhar visualmente a narrativa junto aos demais colegas.

Entretanto, é importante salientar que a ampliação do material, por si só, não garante acessibilidade para todas as pessoas com deficiência visual, visto que existem diferentes condições e necessidades relacionadas à deficiência visual. Crianças cegas, por exemplo, podem necessitar de outros recursos, como braille,[3] audiodescrição, elementos táteis ou mediações específicas.

Sobre as diferentes preferências de alunos com baixa visão ou cegos, Brandão e Geller (2010, p. 42, apud Pimentel, 2017, p. 17) comentam:

> [...] alguns conseguirão utilizar materiais visuais e outros preferirão os materiais táteis, como o sistema Braille de escrita, ou Tecnologias Assistivas como leitores de textos, magnificadores de tela ou ampliação dos caracteres que aumentam o tamanho da fonte e das imagens na tela do computador e desenvolvidos para quem tem baixa visão e recursos de áudio como software de síntese de voz [...]

[3] Sistema em código de leitura e escrita em relevo criado para permitir que pessoas cegas ou com baixa visão possam se comunicar pelo tato.

ISSN: 2358-8829

Dessa forma, o livro gigante pode ser compreendido como uma possibilidade de recurso acessível, principalmente para estudantes com baixa visão, desde que suas características sejam planejadas de acordo com as necessidades do público que irá utilizá-lo.

A Partir dessa perspectiva, a produção de um livro gigante pode ultrapassar a ideia de simplesmente aumentar o tamanho de um livro convencional, na escolha de letras maiores, imagens ampliadas, organização adequada das informações e disposição dos elementos nas páginas pode contribuir para tornar o material mais acessível e permitir diferentes formas de participação na atividade de leitura. Além disso, quando o livro é utilizado coletivamente, a ampliação pode beneficiar não somente uma criança com baixa visão, mas favorecer a visualização dos elementos da narrativa por todo o grupo, pois além da possibilidade de contribuir para a acessibilidade de crianças com baixa visão, o livro gigante também pode favorecer a participação e o acompanhamento da leitura por todas as crianças da turma.

Em uma situação de contação coletiva, nem sempre um livro em tamanho convencional possibilita que todos os estudantes visualizem com clareza as imagens, os personagens, os textos e outros elementos presentes nas páginas, principalmente aqueles que se encontram sentados mais distantes do professor ou nas últimas posições da sala, nesse sentido, a ampliação do livro pode proporcionar melhores condições de visualização para o grupo, permitindo que as crianças acompanhem simultaneamente aquilo que está sendo apresentado e estabeleçam relações entre a narrativa oral e os elementos visuais presentes no livro.

E essa característica torna-se ainda mais essencial nos anos iniciais, em que as imagens possuem importante função na aproximação das crianças com as histórias, possibilitando que observem personagens, cenários, expressões e diferentes acontecimentos presentes na narrativa e a partir desses elementos visuais, as crianças podem construir suas próprias compreensões sobre a história, levantar hipóteses, interpretar acontecimentos e realizar releituras a partir daquilo que conseguem observar.

Bruno (2006, p. 47, apud Pimentel, 2017, p. 12) afirma:

> Elas necessitam ter acesso e vivenciar o mundo da fantasia, do faz de conta, da linguagem simbólica, da estética, da arte para que desenvolvam a imaginação e a criatividade. Para a criança com deficiência visual poder representar a realidade, ela precisa brincar cooperativamente de faz de conta com outras crianças, para poder observar como elas assimilam, interpretam e recriam o real [...]

ISSN: 2358-8829

Assim, o tamanho ampliado do material não deve ser compreendido apenas como um recurso de destaque, mas como uma escolha que pode favorecer a leitura compartilhada, permitindo que um maior número de crianças tenha acesso visual aos elementos apresentados durante a contação, e dessa forma, o livro gigante assume uma função tanto pedagógica quanto inclusiva, ao ampliar as possibilidades de participação na atividade e reduzir algumas barreiras relacionadas à visualização do material.

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que a prática pedagógica não deve estar limitada à utilização de recursos previamente estabelecidos, uma vez que as diferentes características presentes em uma sala de aula exigem do professor uma postura atenta às possibilidades de aprendizagem de seus estudantes. Nesse sentido, mais do que reproduzir práticas e utilizar materiais de maneira padronizada, torna-se necessário observar a realidade e subjetividade de cada criança e pensar em estratégias que possibilitem diferentes formas de aproximação com os conhecimentos trabalhados.

Outro ponto a ser considerado refere-se à forma como os materiais utilizados nas atividades de leitura são apresentados às crianças, pois embora o livro em tamanho convencional constitua um importante recurso para o trabalho com a literatura, sua utilização em uma contação coletiva pode apresentar algumas limitações, principalmente quando nem todas as crianças conseguem visualizar adequadamente as imagens, os textos e os demais elementos presentes nas páginas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência com a utilização do livro gigante durante a contação de histórias possibilitou observar diferentes formas de envolvimento das crianças com a narrativa. A produção deste material surgiu também a partir das observações realizadas no cotidiano da turma, especialmente durante momentos de contação de histórias com livros em tamanho convencional. Nessas situações, percebeu-se que algumas crianças apresentavam dispersão ao longo da atividade e, em determinados momentos, deixavam de acompanhar a narrativa, sobretudo quando não conseguiam visualizar com clareza as imagens e os demais elementos presentes nas páginas.

Ao discutir a didática da criação, Corazza (2012) destaca a experimentação como parte do processo de construção de uma aula que não se limite à repetição de modelos conhecidos. Essa perspectiva ajuda a compreender que o professor precisa estar disposto a

ISSN: 2358-8829

testar outras possibilidades de ensino, considerando os desafios encontrados em sua prática. Na experiência com o livro gigante, a criação de um material em dimensões ampliadas representou uma alternativa ao formato convencional do livro, buscando melhorar as condições de visualização e ampliar as possibilidades de participação das crianças durante a atividade.

A partir dessa necessidade, a produção de um material ampliado modificou a maneira como a história foi apresentada à turma, permitindo que as crianças acompanhassem coletivamente as imagens, os personagens, os cenários e os acontecimentos presentes em cada página, também possibilitou que os elementos da narrativa fossem apresentados de maneira mais visível para o grupo, inclusive para as crianças que estavam posicionadas mais distantes do professor. Dessa forma, o recurso foi utilizado como suporte para a leitura e como uma estratégia para aproximar as crianças da história favorecendo a participação durante a atividade.

A análise sugere que o diferencial pedagógico não esteve apenas na dimensão física do livro, mas na articulação entre imagens ampliadas, narrativa oral e perguntas feitas ao grupo. Assim, o material funcionou como suporte à mediação docente: ao tornar os elementos da história mais compartilháveis, criou condições para que as crianças acompanhassem a sequência narrativa e participassem das interlocuções. Essa interpretação aproxima a experiência da noção de formação pela inventação discutida por Vasconcelos e Castro (2025), na qual planejar, experimentar e refletir integram a constituição profissional no PIBID.

Durante a experiência, também foi possível observar uma situação relacionada ao acesso visual aos materiais utilizados em sala. Havia uma criança que fazia uso de óculos e que, em atividades anteriores, apresentava dificuldade para realizar algumas propostas de forma independente, quando não levava os óculos para escola, necessitando do auxílio do professor para realizar a leitura dos enunciados, entretanto, durante a contação utilizando o livro gigante, mesmo sem estar utilizando os óculos naquele momento, a criança conseguiu acompanhar a narrativa e observar os elementos presentes nas páginas sem apresentar a mesma dificuldade observada em outras atividades, embora essa experiência não permita afirmar que o livro gigante substitua recursos específicos, como os óculos, ela evidencia seu potencial como recurso complementar para favorecer o acesso visual e a participação das crianças durante determinadas práticas de leitura.

ISSN: 2358-8829

Cabe distinguir, contudo, a observação de uma criança que acompanhou a contação sem os óculos de uma avaliação de acessibilidade para pessoas com baixa visão. O episódio indica uma possibilidade de apoio visual naquele contexto, mas não permite inferir diagnóstico, substituir recursos ópticos prescritos ou generalizar o resultado. A acessibilidade demanda também contraste, legibilidade, posicionamento do material e recursos alternativos adequados às necessidades individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou refletir sobre a utilização do livro gigante como recurso pedagógico para a contação de histórias no 1º ano do Ensino Fundamental. A partir da experiência vivenciada no contexto do PIBID, foi possível perceber que a maneira como uma história é apresentada às crianças pode interferir em suas possibilidades de participação, observação e envolvimento com a narrativa. Nesse sentido, a produção do livro gigante surgiu como uma alternativa construída a partir da observação da turma e da necessidade de buscar uma forma diferenciada de desenvolver a contação de histórias.

A experiência também possibilitou refletir sobre a importância de considerar diferentes necessidades no planejamento dos recursos pedagógicos, destacando-se a importância do professor como sujeito que observa, pesquisa, planeja e cria possibilidades para sua prática pedagógica. A produção do livro gigante demonstra que os recursos didáticos podem ser construídos a partir das necessidades identificadas no cotidiano escolar, considerando a faixa etária, os interesses, as características da turma e os objetivos da atividade.

Por fim, este estudo não pretende esgotar as possibilidades relacionadas à utilização do livro gigante na educação, mas contribuir para a reflexão sobre a importância de diversificar os recursos utilizados nas práticas de leitura. A experiência analisada permite considerar esse recurso como uma possibilidade para ampliar a participação, favorecer diferentes formas de interpretação e aproximar as crianças das histórias. Espera-se, portanto, que esta discussão incentive novas experiências e pesquisas que investiguem diferentes formas de produzir e utilizar materiais ampliados, especialmente em contextos de leitura, inclusão e acessibilidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como contribuição à formação inicial, a experiência evidencia a importância de investigar as barreiras encontradas no cotidiano escolar e de transformar essa observação em

decisões didáticas intencionais. Assim, defendemos que o PIBID é um como espaço de articulação entre experiência, criação e reflexão compartilhada, sem que os resultados deste relato sejam extrapolados para outras turmas.

Palavras-chave: Contação de histórias; Livro gigante; Leitura; Crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação**: aula cheia. Porto Alegre, jan. 2012.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTEL, ANDRÉIA GUERRA. **Jogo de regras como objeto de aprendizagem inclusivo para alunos videntes e com deficiência visual** (cegos e com baixa visão). 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

ROCHA, MARIA SILVIA PINTO DE MOURA LIBRANDI DA; LAINS, LUCIMAR DELMAN. Desenvolvimento da atenção mediada e sua relação com práticas pedagógicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. 1, p. 21-30, jan./abr. 2020. DOI: 10.22409/1984-0292/v32i1/5634.

VASCONCELOS, Tatiana Cristina; CASTRO, Paula Almeida de. PIBID-Pedagogia UEPB: em foco um desenho formativo dialógico. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão,** Palmas, v. 8, n. 1, p. 268–290, jan./abr. 2025. DOI: 10.20873/PIBIDUEPB. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/21309. Acesso em: 9 nov. 2026.